

# **O MAL NO IMAGINÁRIO SOCIAL: A instituição da imagem do Diabo<sup>1</sup>**

João Gabriel Carvalho Marcelino\*

## **RESUMO**

Este estudo tem o objetivo de trazer algumas reflexões acerca da instituição da imagem do Mal no imaginário popular. Para tanto, observa-se a resignificação de elementos de outras culturas na composição do Diabo e dos elementos associados a essa figura da religião Cristã. A pesquisa utiliza como método a revisão bibliográfica, em uma pesquisa qualitativa. O estudo torna possível observar a resignificação de elementos e símbolos religiosos de outras culturas para criar a imagem do Diabo instituída pelo Cristianismo e que ilustra a definição de Mal no ocidente. Para este estudo utilizam-se as pesquisas de Nogueira (2002), Ronecker (1997) e Chevalier & Gheerbrant (2015), entre outros.

**PALAVRAS-CHAVE:** Diabo. Iconografia. Mal. Símbolos.

## **ABSTRACT**

This study aims to bring some reflection about the institution of the image of Evil in the popular imaginary. For this, we observe the resignification of elements of other cultures in the composition of Devil and the elements associated to this figure of the Christian religion. The research uses as method the bibliographic revision in a qualitative research. The study makes possible to observe the resignification of religious elements and symbols of other cultures to create the Devil's image instituted by Christianity and that illustrates the definition of Evil in the west. For this study, we use the researches of Nogueira (2002), Ronecker (1997) and Chevalier & Gheerbrant (2015), among others.

**KEYWORDS:** Devil. Evil. Iconography. Symbols.

## **1 INTRODUÇÃO**

Observar o mal em relação ao imaginário social leva a reflexão acerca de como esse elemento é visto e representado na sociedade. As percepções do mal, assim como suas caracterizações, são também

---

\* Graduado em Letras – Habilitação em Língua Portuguesa e Respectivas Literaturas, FASETE. Pós-Graduando em Metodologia de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura, UNIASSELVI.  
joagabrielcarvalho@hotmail.com

<sup>1</sup> Trabalho adaptado da Monografia de Conclusão de Curso “Hoje é dia de Maria: Um estudo da representação Intersemiótica, Simbólica e Cultural do Mal na adaptação da microssérie”, pela FASETE e orientada pela professora Dr.<sup>a</sup> Maria do Socorro Pereira de Almeida.

um fruto das doutrinas que envolvem os diferentes agrupamentos humanos; doutrinas estas que podem envolver desde o pensamento religioso até vertentes políticas, especialmente as que, caso interpretadas de forma errônea, levam a uma polarização de elementos e pensamentos opostos.

Diante do que está posto, esse estudo apresenta uma reflexão sobre a representação do Mal no imaginário social, observando a criação da imagem do Diabo através da demonização de elementos de outras culturas no processo de expansão do Cristianismo. Para tanto utilizam-se os estudos de Nogueira (2002), Ronecker (1997) e Chevalier & Gheerbrant (2015), entre outros.

\*\*\*

A associação entre o pensamento polarizador e a definição de maldade é também o pontapé inicial da doutrinação religiosa e da expansão de um sistema regrado que tem o objetivo de ordenar a população que é incorporada a um sistema de crenças. Nesse sentido, Silva aponta

Não há como conhecer a intenção que presidiu uma ação, pois uma boa ação, do ponto de vista de quem a pratica, pode causar mal a outrem, enquanto uma ação maligna pode estar de acordo com a legalidade externa, de acordo com os valores morais e jurídicos de uma sociedade ou comunidade. O conceito de vontade maligna é o conceito de uma sociedade regrada, e, assim sendo, a ação maligna é vista como desregramento. (2009, p. 20)

A definição de sociedade e de normas sociais acabam por criar uma caracterização mais abrangente do que é o mal, desse modo a oposição às normas, aos valores morais e legislações que estão em vigor em uma comunidade, acabam por se tornar a referência de mal para aquele determinado grupo.

O mal caracteriza-se de acordo com o pensamento que abrange um determinado grupo; nessa perspectiva, observa-se também a interpretação e a reinterpretação de um elemento de uma cultura que não é comum a outra comunidade, em uma perspectiva mais ampla; as divergências culturais entre Ocidente e Oriente acabam por expor essa polarização, a exemplo disso as Vacas que são sagradas na Índia, e os cães e gatos que são criados para abate na China.

A relativização do tratamento dado ao Gado, aos Cães e aos Gatos é apenas um exemplo inicial de como as diferentes culturas lidam com um determinado artefato cultural. Nesse sentido, os animais selvagens e domésticos povoam o imaginário social em suas associações com mitos,

lendas e religiões. A exemplo disso, Jean-Paul Ronecker apresenta a seguinte afirmação na obra *O Simbolismo Animal: mitos, crenças, lendas, arquétipos, folclore, imaginário (1997)*

Como alguns animais foram ligados a Cristo, outros foram associados ao diabo e aos seus sectários. Alguns eram vestidos com conotação diabólica, por causa de sua má fama, como os gatos pretos, os sapos e os morcegos, os rapaces noturnos e os lobos. (p. 37)

A condição que um sistema de crença atribuiu aos animais citados pelo autor, remetem a superstições que continuam na sociedade até hoje, associando esses animais a aspectos negativos, especialmente as trevas e ao mal.

Em diversos casos, essas atribuições do maligno a animais foram fruto da expansão do cristianismo na Europa, como uma forma de expansão do sistema de crença Cristão e demonização dos outros cultos que haviam naquela região. Nesse contexto Ronecker expõe o tratamento dado aos gatos pretos

Aliados do Diabo eram também os gatos pretos, os quais se queimavam vivos na fogueira de São João. Gatos sagrados que puxavam o carro da bela deusa nórdica Fréia tornaram-se demônios. De que eram acusados? De ver à noite e, especialmente, de ir ao sabá dançar com as feiticeiras e até de realizarem seu próprio sabá. Algumas feiticeiras, especialmente as de Vernon e de Lincoln, transformavam-se em feiticeiras. (1997, p.39)

Os gatos tornaram-se grandes representantes da perseguição da igreja ao paganismo, elemento que passou a caracterizar o mal nesse período; os animais que estavam associadas na Europa à Fréia foram demonizados como representantes do próprio diabo e ao longo do tempo junto da inquisição, foram cobertos de superstições. Para Carlos Roberto F. Nogueira em *O diabo no imaginário Cristão (2002)*, este fenômeno está ligado ao nascimento do cristianismo que

[...] inicia um longo processo onde as tradições chocam-se, interpenetram-se, amoldam-se, para repeli-lo ou para recebê-lo e revesti-lo de toda uma bagagem mística que convive paralelamente ao corpo doutrinário oficial. Surgem seitas gnósticas, as heresias se multiplicam: a magia ao lado da religião, o novo entrelaçado ao antigo. (p. 25)

Em um processo de hibridização cultural, as diferentes tradições se unem em alguns pontos gerando novos significados e novas representações, o místico e o religioso acabam por dar origem às tradições que são cultivadas até hoje. Essa geração de novas características está ainda na perspectiva do mesmo autor, na tendência conciliadora que o cristianismo assumia em alguns aspectos naquele

período, essa tendência se caracterizava por “[...] aceitar os elementos das crenças já incorporadas à cultura clássica que impregnavam a mentalidade popular, buscando redimensioná-las numa hagiografia cristã” (NOGUEIRA, 2002, p. 37); as características dos cultos pagãos que já estavam estabelecidos foram absorvidos pelo cristianismo na criação das suas próprias tradições.

É nesse período que o mal começa a tomar forma no ocidente, não sendo somente mais um sentido abstrato, mas uma representação imagética, literária e folclórica; essa “materialização” do mal é descrita por Silva

O mal também esteve ligado ao demônio, diretamente a Lúcifer, às bruxas e seres obscuros. A Idade Média varreu todas as possibilidades de males, colocando-os sob a insígnia da heresia. Circulava durante a Idade Média a definição de mal como: *malum est carentia seu absentia boni debiti*, significando que o mal em todos os seus sentidos, é ausência de uma perfeição que deveria estar presente na natureza. (2009, p. 17)

Na Idade Média se fixou a idealização do mal como tudo aquilo que não era permitido pela Igreja Católica: as heresias, a imagem das bruxas, dos demônios e de Lúcifer, então se tornam as maiores representações do mal que deveriam ser combatidas.

A representação do diabo no imaginário popular como uma manifestação maior do mal, se apresenta, nas palavras de Marcos Renado Holtz de Almeida, no artigo *A pedagogia do medo: as diversas faces do mal no cristianismo*, da seguinte forma:

Valendo-se da indefinição da Igreja acerca da origem do Diabo, grande parte do imaginário popular existente enquadrava-o como ser inferior ao homem e objeto de escárnio e zombaria, podendo ser facilmente vencido. O imaginário relativo ao Diabo durante a baixa Idade Média enriqueceu-se através das lendas transmitidas oralmente ou de forma escrita, mas especialmente pelas peças teatrais de apelo popular. (2008, p. 5)

Em um momento no qual o diabo não tinha uma forma definida, ele era colocado como um ser inferior ao homem, que poderia ser facilmente derrotado; essa representação começa a ser enriquecida através do teatro popular que expunha para a população a imagem de escárnio com que o diabo era tratado: como o medo ainda não havia sido instalado como uma forma de vender esse personagem, então ele era cômico e não amedrontador.

Com o processo expansivo do cristianismo em andamento, foi preciso que os seus opositores fossem eliminados de alguma maneira, para isso a criação de um inimigo maior, que representasse

uma grande mal para a igreja trouxe a luz a imagem do diabo e de Lúcifer. Se ele era o inimigo da igreja que faria de tudo para que a instituição fracassasse em sua missão de salvar as almas humanas, então seria necessário associá-lo a aqueles que não pertenciam ao cristianismo.

Nesse sentido, as comunidades que ainda não haviam sido absorvidas pelo novo sistema religioso por ser também grupos estabelecidos na idade antiga, passaram a ser nomeados como Seitas, termo que permanece sendo utilizado para tratar de grupos que não seguem o sistema religioso cristão até hoje, a respeito da condição dessas chamadas Seitas, Almeida nos apresenta

O objetivo dessas seitas era possuir um corpo próprio de doutrinas não alinhadas com a igreja católica. Isso se revelava uma ameaça à unidade da Igreja Católica e à própria cristandade. Desse modo, segundo a Igreja, era Satã quem estaria por trás de tal plano. Iniciava-se, portanto, uma era de obsessão diabólica, os inimigos da Igreja eram todos aliados do Diabo. (2008, p. 6)

A demonização de todos os grupos religiosos opostos ao Cristianismo dá início a um período de pedagogia do Medo, o demônio que era caricato passa a ser um inimigo com uma face, o rosto das comunidades que mantinham seus ritos tradicionais, que não haviam sucumbido ao Cristianismo; estes eram aliados do diabo e estariam no mundo unicamente para ajudar Satã em sua luta constante contra a Igreja.

A pedagogia instalada começa a pintar o demônio como um elemento perigoso, que veio ao mundo para interferir nos planos de Deus para a vida humana, assim, a Igreja se arma do Apocalipse, para que o terror seja um recurso de fidelização. Para Almeida “a obsessão diabólica crescia também na medida em que os sermões dos pregadores enfocavam a proximidade do Juízo Final e a realidade do inferno” (2008, p.6). O temor ao que estaria destinado aos homens no pós-vida era a rédea necessária para que os fiéis seguissem à risca os ensinamentos e as pregações da igreja e não se aliassem aos inimigos da poderosa instituição.

O estabelecimento de uma pedagogia do medo, acabou por influenciar a produção artística e cultural no período da Idade das Trevas, essa metodologia de orientação espiritual, moral e comportamental, baseava-se para Almeida, em

[...] uma orientação dos dirigentes da Igreja aos sacerdotes para endurecerem o discurso e o controle moral, e aos artistas para que estes criassem obras de arte que pudessem exprimir o incrível poder do Maligno e o lamentável destino das almas que no Inferno chegassem[...] (2008, p. 11)

O discurso de controle da Igreja tomou proporção maior, influenciando nas artes, pois os artistas da época seriam capazes de criar as imagens infernais que remeteriam à danação eterna a qual estava fadados aqueles que desobedecessem as normas morais da Igreja.

Nesse momento, o imaginário popular começa a ser representado visualmente para educar os fiéis a respeito daquilo que os aguardava caso estes não seguissem à risca as normas e ensinamentos da Igreja, é também aí que o diabo começa a ser imaginado como uma mistura entre elementos de outros cultos pagãos, aspectos malvistas na sociedade e grupos que mantinham-se em segredo. Essa representação do imaginário popular à respeito do diabo tem seu ápice entre os séculos XII e XVII. Para Almeida, essa obsessão pela representação artística do diabo contribui para

[...] o florescimento, na Europa, de uma destacável produção artística que visava representar a figura de Satã e, desse modo, refletir a mentalidade e o imaginário social existente. Satanás deixava de ser uma figura espiritual e passava a ter um aspecto físico nas esculturas e nos afrescos das igrejas e catedrais, e, por consequência, no mundo. (2008, p. 7)

De certo modo, Lúcifer passou a ser materializado, uma vez que o medo utiliza dos sentidos para assustar, a visão terrificante do demônio e do inferno era um recurso eficaz na popularização da ideologia cristã, e uma ferramenta poderosa para a pedagogia do medo. Com a divulgação dessa ferramenta artística, foi preciso que os artistas dessem uma face ao diabo, esse processo levou os artistas a buscarem fontes para a criação dessa figura e a reafirmação da soberania cristã, para o mesmo autor

Muitos dos atributos físicos de Satã que atualmente conhecemos resultam do sincretismo religioso e da assimilação da iconografia de divindades de outras culturas orientais e ocidentais, cuja diabolização foi empreendida pela igreja católica com o objetivo de deslegitimar os antigos deuses pagãos e rebaixá-los a demônios, deste modo, a igreja (re)afirmava o monoteísmo da divindade cristã (DE ALMEIDA, 2008, p. 7-8)

O processo anteriormente citado de ressignificação dos animais, acontece novamente, através da ressignificação da iconografia de outras culturas, o demônio passa a ser representado como um ser híbrido entre humano e animal, masculino e feminino, utilizando elementos simbólicos como o pentagrama e o tridente; uma representação popular é a de Baphomet, fig. 1:

Figura 1 - Baphomet de  
Eliphas Levidel



Fonte: Google Imagens

A figura apresenta elementos do deus grego relacionado a natureza, Pã, dos Sátiros também gregos e dos Faunos Romanos, como um ser metade bode, metade homem; ele também apresenta seios, aspectos femininos, que remetem a uma inferiorização da mulher como uma causadora dos males do homem na terra, pois é Eva quem leva Adão a provar do fruto proibido; além de também ter representado a lua, aspecto feminino e a lua negra o aspecto nefasto da própria lua, o caduceu com duas serpentes, remetendo a Hermes e o pentagrama, símbolo que segundo Chevalier & Gheerbrant, representa o microcosmo e era utilizado pelos magos para conjurar e adquirir poder.

Além disso, é comum o demônio ser representado segurando o tridente, símbolo de Poseidon e Shiva, que em outra imagem, mais recente, uma tirinha do cartunista Carlos Ruas, tem sua justificativa na utilização pelos deuses e pelo diabo, fig. 2:

Figura 2 - Tridente de Carlos Ruas



Fonte: <http://www.umsabadoqualquer.com/1346-tridente/>

Em uma crítica mais recente, a tirinha apresenta duas divindades que portam o tridente e têm nesse objeto o seu símbolo de poder. O tridente nas mãos de Shiva representa o poder de transformação do deus Hindu; o mesmo objeto nas mãos de Poseidon representa o poder da divindade grega sobre seu domínio, os mares; e por fim, para a representação imagética de Lúcifer, através do personagem Luci, o objeto das divindades de outras culturas se torna o “instrumento do castigo” (CHEVALIER & GHEERBRANT, 2015, p. 905) em um reflexo da ressignificação de objetos inconvenientes ao Cristianismo.

## 2 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, a representação do mal conhecida no ocidente, está associada ao processo de expansão do cristianismo que em seu início como uma religião tribal, absorveu os ritos de outras tribos e demonizou seus deuses até a institucionalização política e social, que apresenta definições morais e comportamentais além de criar uma iconografia que institui o Diabo no imaginário popular, sempre sobre a justificativa de que aqueles que não o seguem estão condenados à perdição.

## REFERÊNCIAS

DE ALMEIDA, M. R. H. **A pedagogia do medo: as diversas faces do mal no cristianismo**. Disponível em: <[http://www.mackenzie.br/fileadmin/Chancelaria/GT6/Marcos\\_Renato\\_Holtz\\_de\\_Almeida.pdf](http://www.mackenzie.br/fileadmin/Chancelaria/GT6/Marcos_Renato_Holtz_de_Almeida.pdf)> Acesso em 15 de dezembro de 2016.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de Símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números**. 27 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2015.

SILVA, Gabriela Farias da. **A Representação Do Mal Na Literatura: A Laranja Mecânica**. 2009. 103 P. Dissertação (Mestrado em Letras) Porto Alegre, Programa de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre – RS.

NOGUEIRA, Carlos Roberto F. **O Diabo no imaginário cristão**. 2ª ed. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

RONECKER, Jean-Paul. **O simbolismo animal: mitos, crenças, lendas, arquétipos, folclore, imaginário**. São Paulo: Paulus, 1997.